Pronunciamento da subsecretária María Otero na Fundação Getúlio Vargas
Sexta-feira, 26 de março de 2010
Rio de Janeiro, Brasil

Obrigada pela amável apresentação.

E muito obrigada à Fundação Getúlio Vargas pela organização deste evento maravilhoso. É um prazer e uma honra estar aqui com vocês hoje.

Tive a grande oportunidade de conhecer alguns dos importantes líderes desta instituição, e pude apreciar o excelente trabalho que vocês estão fazendo no mundo todo. Na verdade, meu filho trabalha frequentemente com a FGV em São Paulo.

Devo começar dizendo que o Brasil é como um segundo lar para mim. Naturalmente, fui criada na Bolívia, mas durante muito tempo estive aqui em visita e a trabalho; portanto, é uma grande alegria estar aqui como subsecretária de Estado para Democracia e Assuntos Globais.

No próximo mês faz um ano que o presidente Obama e a secretária Hillary Clinton estiveram em Trinidad e Tobago para a Cúpula das Américas.

Foi naquela Cúpula — apenas três meses após assumir o cargo — que o presidente Obama deu novo tom à política externa dos Estados Unidos com relação a nossos vizinhos no Continente Americano: quando se trata de parceria verdadeira e honesta, o presidente nos lembrou de que "não existe parceiro sênior, nem parceiro junior". O que existe é uma troca entre iguais — com ênfase em resultados para o povo.

A Cúpula marcou o início de uma época de grande promessa para nossos dois países e para a região como um todo.

Hoje, quero falar sobre como avançamos desde a Cúpula do ano passado, em especial nas últimas semanas com a visita da secretária de Estado, Hillary Rodham Clinton.

Mas antes, permitam-me explicar um pouco mais o meu papel. Como subsecretária para Democracia e Assuntos Globais, supervisiono uma ampla gama de questões globais: democracia, direitos humanos e trabalho; oceanos, meio ambiente e ciência; população, refugiados e migração; e tráfico de pessoas. Embora os assuntos sejam diversificados, estão unidos por um fio comum — o da segurança e da proteção humanas.

Segurança humana é um conceito centrado na garantia da segurança em todos os aspectos — segurança política e econômica, segurança alimentar, segurança da saúde e do meio ambiente — para indivíduos e comunidades. Reflete também toda a gama de iniciativas para proteger as pessoas que fogem da perseguição ou aquelas que sofrem na escravidão, para dar poder à sociedade civil e aos defensores de direitos humanos e para proteger a Terra nesta era de crescentes pressões de mudanças climáticas e competição por recursos naturais escassos.

Nosso negócio é proteger os mais vulneráveis, dar voz aos reprimidos e fortalecer os marginalizados. Desde a ameaça das mudanças climáticas até nosso frágil meio ambiente, passando pelo flagelo do tráfico de pessoas para fins de exploração sexual ou de trabalho que aflige tantas nações.

E, embora essas questões nem sempre tenham estado na linha de frente da política externa americana, no governo Obama e no Departamento de Estado da secretária Hillary Clinton, elas estão recebendo atenção sem precedentes. Elas, na verdade, estão no cerne de todas as prioridades de política externa dos Estados Unidos.

Portanto, vejo com grande satisfação os Estados Unidos e o Brasil colaborando em muitas das questões que estão sob minha responsabilidade.

A relação EUA-Brasil durante o último ano do governo Obama reflete uma aliança saudável e produtiva entre os dois países. Independentemente da questão ou do desafio do momento — democracia em Honduras, ajuda emergencial para o Haiti, purificação do ar e da água ou empregos para nossos cidadãos — estamos trabalhando com base em metas compartilhadas e respeito mútuo. Podemos nem sempre estar de acordo, mas mantemos um diálogo coerente e honesto — e creio que os dois países se enriqueceram com isso.

Nossas relações estão enraizadas no entendimento básico de que crescimento e prosperidade devem beneficiar todos os cidadãos; é um entendimento de que nenhuma pessoa — mulher, índio, jovem, sem instrução ou pobre — deve ser deixada para trás na esteira do progresso.

Quanto a isso — a importância de oportunidades para todos — os brasileiros e os americanos têm a mesma visão e o mesmo sentimento.

Evidentemente, mais oportunidades trarão poucos benefícios se não houver segurança. Desde forças policiais responsáveis e eficazes que honram o Estado de Direito até melhores condições ambientais e de acesso a água, precisamos garantir que nossos cidadãos tenham segurança e possibilidade de viver uma vida saudável. É por essa razão que os Estados Unidos fizeram da segurança do cidadão e do meio ambiente prioridades de política externa na América Latina.

Compartilhamos também o respeito pela instituição da democracia e um compromisso com ela. Ela é o alicerce sobre o qual nossas sociedades estão construídas. E, como sabemos, a força de uma democracia é medida não somente pela paz ou a estabilidade do processo eleitoral, mas também pela participação ativa da sociedade civil e pelo compromisso inabalável com o empoderamento político para todos. E o Brasil é um exemplo de implementação da democracia.

Expansão das oportunidades, proteção dos nossos cidadãos e do meio ambiente e fortalecimento das nossas democracias. Creio que vocês concordarão que somente essas três áreas apresentam uma ampla plataforma para metas comuns e colaboração entre os dois países, assim como na região.

No ano passado, os Estados Unidos e o Brasil fizeram progresso significativo em cada uma dessas áreas, avançando rumo a um futuro melhor de inclusão financeira e social que beneficia e protege todos os membros da sociedade.

Por exemplo, sei que nossos países se reuniram em outubro passado para o Plano de Ação Conjunta Brasil-EUA para a Eliminação da Discriminação Racial e Étnica, e nós discutimos cooperação em direitos trabalhistas e na Agenda de Trabalho Decente da Organização Internacional do Trabalho (OIT). Por meio dessa ação conjunta, estamos explorando maneiras de combater o trabalho forçado e de promover empregos verdes. O Brasil e os Estados Unidos têm sido parceiros na concessão de verbas significativas para um projeto da OIT que combate as piores formas de trabalho infantil na América Latina, e estamos explorando novas formas de cooperação no Haiti, na África Lusófona e em outras regiões.

Além disso, nos termos do Plano de Ação Conjunta Brasil-EUA para a Eliminação do Racismo, estamos compartilhando as melhores práticas sobre programas de contratação e treinamento, apoio a empresas de minorias e aumento das oportunidades de educação — sendo que todos eles contribuem para o crescimento econômico inclusivo, em especial entre micro, pequenas e médias empresas, responsáveis por grande parte dos negócios no Brasil.

Naturalmente, nossa colaboração não se limita ao reino dos negócios. O Brasil é o principal país da América do Sul em ciência e tecnologia (C&T) e um grande parceiro para cooperação em Ciência e Tecnologia no continente.

Em novembro de 2009, vimos uma expansão formal da cooperação em Ciência e Tecnologia com a assinatura de quatro novos Memorandos de Entendimento (MOUs): dois sobre biocombustíveis, cobrindo normas e pesquisa; um sobre educação de pós-doutorado em ciências da saúde; e um acordo ligado ao apoio da USAID para o Brasil fornecer dados de sensoriamento remoto para a África.

Quando se trata de ciência e tecnologia, o escopo e a escala de nossas inovações são ilimitados—e faremos muito mais trabalhando juntos do que jamais faríamos sozinhos. Esse é o motor propulsor por trás dos quatro Memorandos de Entendimento sobre ciências e de todo nosso trabalho conjunto.

Talvez nossa maior área de colaboração científica esteja em nossos esforços para combater as mudanças climáticas. O presidente Lula e o presidente Obama, junto com outros líderes mundiais, mostraram liderança na Conferência de Copenhague em dezembro passado para dar forma ao Acordo de Copenhague sobre o clima, passo importante no combate às mudanças climáticas. Discutirei isso com meus pares brasileiros na segunda-feira, em Brasília, durante a reunião da Agenda Comum EUA-Brasil para o Meio Ambiente.

A secretária Hillary Clinton esteve recentemente no Brasil, e enquanto estava aqui assinou um acordo para ampliar nossa cooperação em clima e energia referente a

florestas, tecnologia, energia renovável, eficiência energética, adaptação e pesquisa científica, entre outras áreas.

No próximo mês, os países deste continente vão se reunir em Washington para fazer avançar a Parceria das Américas para Energia e Mudanças Climáticas (ECPA), que o presidente Obama anunciou no ano passado. O enfoque da ECPA é promover eficiência energética, energia renovável, combustíveis fósseis mais limpos, desenvolver infraestrutura energética e solucionar problemas ligados à pobreza energética.

E, certamente, vimos ênfase enorme nessa área no Fórum Urbano Mundial desta semana, que atraiu mais de 13 mil profissionais do mundo todo. Os Estados Unidos, sem dúvida, esperam que o Brasil e outros parceiros aproveitem o grande impulso gerado aqui esta semana.

A forte parceria em Ciência e Tecnologia entre os EUA e o Brasil também está sendo alavancada para fortalecer os sistemas de saúde em outros países. No Continente Americano, estamos trabalhando juntos para melhorar a infraestrutura da saúde em El Salvador com a criação de um Instituto Nacional da Saúde Pública (NPHI) - organização baseada na ciência que dará ao país capacidade para identificar e prevenir riscos à saúde, bem como para salvar vidas.

Esse é um excelente exemplo do trabalho que fazemos por meio do memorando sobre desenvolvimento trilateral. Trabalhando juntos, o Brasil e os Estados Unidos estão intensificando os esforços para melhorar a assistência médica, ampliar o círculo da prosperidade e dar às pessoas as ferramentas de que necessitam para sair da pobreza — especialmente nos países mais necessitados — aqui no nosso continente e em outras regiões do mundo.

Em particular, estamos dirigindo nossa atenção para a África. O Brasil e os Estados Unidos têm um vínculo comum com nossos irmãos e irmãs africanos, cujas culturas e costumes afetaram nossas sociedades de tantas maneiras profundas.

O Brasil é parceiro natural dos Estados Unidos na busca de segurança alimentar na África e em outras regiões, uma vez que implementou aqui um programa extremamente bem sucedido que reduziu de forma significativa a desnutrição neste país. Como já disse a secretária Hillary Clinton, deve ser nossa meta que toda criança nascida nas Américas ou em qualquer lugar do mundo tenha oportunidade de atingir todo o potencial que lhe foi dado por Deus.

Naturalmente, a ajuda do Brasil e dos Estados Unidos a outras nações só pode ir até aí. Analisando a longo prazo, precisamos garantir que os países tenham condições e disposição para desenvolver programas para seus cidadãos. E precisamos assegurar que a voz desses cidadãos está sendo ouvida pelo governo. É por isso que o fortalecimento das democracias é uma pedra fundamental da política externa dos EUA.

Recorrendo às sólidas tradições democráticas dos dois países, os EUA e o Brasil devem trabalhar em estreita colaboração no âmbito bilateral e em fóruns multilaterais, como na ONU e na OEA, para promover instituições democráticas fortes e o respeito aos direitos humanos na América Latina.

É por essa razão que, durante a recente viagem da secretária Hillary Clinton, ela e o ministro das Relações Exteriores, Celso Amorim, assinaram um Memorando de Entendimento que promoverá a cooperação entre os Estados Unidos e o Brasil para o avanço das mulheres. Juntos, trabalharemos para eliminar a violência contra as mulheres, combater o tráfico de homens, mulheres e crianças, promover a participação de mulheres nos processos de tomada de decisão e expandir as oportunidades econômicas e a igualdade no mercado de trabalho. Juntos, estamos considerando programas como campanhas de conscientização pública, programas de intercâmbio e parcerias com o setor privado.

O governo brasileiro deve ser elogiado por seus esforços contínuos para libertar vítimas do trabalho forçado e do tráfico sexual e pelo aumento dos esforços para processar os exploradores. Os Estados Unidos apoiam os esforços brasileiros contra o tráfico e procuram fortalecer a capacidade de aplicação da lei e o sistema judiciário para levar os traficantes à Justiça.

Os EUA também apoiam atividades lideradas pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) no Brasil e na América Latina, tais como o Centro de Acolhida para Refugiados da Cáritas no Rio, que presta assistência fundamental e busca soluções duráveis para refugiados urbanos, especialmente aqueles em situações vulneráveis — como mulheres e crianças.

A promoção e a proteção dos direitos humanos é fundamental, um trabalho necessário em qualquer nação democrática; e os Estados Unidos estão prontos para trabalhar com o Brasil na manutenção dos princípios da Carta Democrática Interamericana da OEA na região. Trabalhamos em estreita colaboração com os membros da OEA na restauração da democracia em Honduras e nos comprometemos a ajudar os países a manter os princípios democráticos em toda a região.

Isso é verdade mesmo nas nações mais difíceis e desafiadoras do nosso continente. Porque, como mencionei antes, democracia não significa apenas realizar eleições, mas garantir que elas reflitam as escolhas do povo. E significa também que é permitida a competição genuína nas eleições, periodicamente, de acordo com precedente constitucional e legal.

Democracia significa imprensa livre. Significa proteção das minorias. Significa um Judiciário independente e economia de livre mercado. Significa todos os elementos institucionais que tornam as democracias sustentáveis.

A boa notícia é que o Continente Americano caracteriza-se por democracias e economias fortes que servem de âncora a esta grande região. O Brasil é um bastião inequívoco de força nas Américas, e os Estados Unidos se orgulham de estar alinhados com esse líder em muitas questões.

Com relação ao Irã, a secretária Hillary Clinton teve várias reuniões para discutir a questão quando esteve aqui semanas atrás. Os EUA e o Brasil têm a mesma meta — evitar que o Irã adquira armamento nuclear. O importante nessas conversações é o aspecto de parceria – que possamos falar sobre nossas preocupações comuns, respeitar as diferenças um do outro e descobrir um modo de avançar juntos.

Portanto, quero reiterar a mensagem que vocês ouviram do presidente Obama no ano passado na Cúpula das Américas e da secretária Hillary Clinton muitas vezes desde então. Os Estados Unidos estão comprometidos com uma nova era de parceria na qual nossa retórica é igualada apenas às nossas ações. No ano passado, abrimos vias de colaboração mais vigorosas e procuramos aprender com vocês tanto quanto procuramos apoiá-los.

A verdade pura é que ainda existe um grande reservatório de potencial entre nossas duas nações e em toda a América Latina. Nós nos comprometemos a canalizar esse reservatório para que possamos continuar aproveitando o progresso do ano passado e as décadas de cooperação entre nossos países.

Queremos fazer um trabalho melhor de parceria com amigos e aliados da região e realçar os valores essenciais que compartilhamos: um compromisso fervoroso com a democracia e a liberdade. E um sentimento comum de responsabilidade social. A crença de que, acima de qualquer coisa, somos capazes de construir um futuro melhor para a próxima geração e de que o progresso mais sustentável é aquele gerado e implementado pelas próprias pessoas tocadas pelo progresso.

Obrigada.